

A QUESTÃO DO ACESSO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA ERA DIGITAL: ASPECTOS TECNOLÓGICOS E PEDAGÓGICOS

*Silvestre Novak**

Resumo: A educação a distância está se expandindo rapidamente, colocando-se como nova possibilidade de acesso ao ensino brasileiro. Na medida em que esta expansão está relacionada com o intenso uso das TICs, o fenômeno traz à tona a questão do acesso em diferentes níveis: o acesso dado pela disponibilidade de recursos tecnológicos; o acesso dado pela apropriação e o domínio das linguagens e processos informacionais; e o acesso dado pelo desenvolvimento de habilidades e competências pedagógicas no âmbito do “aprender a distância”, através de interações nos ambientes virtuais de aprendizagens.

Palavras-Chave: Educação a Distância, Ensino Superior, Acesso ao Ensino.

Ao afirmar que estamos entrando na *era do acesso*, Rifkin (2001: 6) sugere o cenário de um novo modelo de economia, *hipercapitalista*, de acesso *just-in-time* a bens e serviços. Na visão do autor, a mudança da *propriedade* para o *acesso* também tenderá a produzir mudanças profundas no campo das instituições políticas, que hoje se encontram ancoradas nas relações de propriedade e nas leis do mercado.

No campo educacional, cabe analisar as repercussões causadas por essa transição, especialmente no que se refere à rápida expansão da educação a distância, na medida em que esta modalidade de ensino tem se situado muito mais próxima do conceito de acesso do que do conceito de propriedade.

Bem antes do *boom* da educação a distância no Brasil, no início da década de noventa, Fainholc, ao afirmar que esta modalidade, fortalecida por transformações sociais e tecnológicas, promoveria alterações profundas nos modelos educativos mais tradicionais, sintetizou o pensamento de especialistas que vinham se dedicando ao estudo da temática. Segundo a autora, modelos educativos inspirados em concepções de ensino e aprendizagem excessivamente dependentes da presença do educador em espaços definidos e em tempos rígidos foram sacudidas por crises de ordem socioculturais e tecnológicas, precipitando a expansão de uma modalidade não convencional, a educação a distância.

De acordo esse ponto de vista, o acesso à educação, buscado pelas populações, está se dando dentro de novas conformações, exatamente pelas diferentes condições de acesso que a

* Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com pesquisa em Educação a Distância. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Psicopedagogia, Sistemas de Ensino e Aprendizagem, com foco na EAD). Especialista em Avaliação pela Universidade de Brasília / Cátedra UNESCO de Educação. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

modalidade a distância propicia, onde o ensino presencial nos moldes tradicionais já não consegue dar conta de forma efetiva.

De acordo com Peters (2003:41), pressionados por uma variedade de forças sociais, econômicas e tecnológicas, os processos educacionais estão se modificando rapidamente. Na origem dessas demandas, segundo o autor, encontra-se o fortalecimento do conceito de aprendizagem aberta, o aluno adulto que trabalha, o aumento do número de alunos, novos tipos de alunos, globalização e competição com outros provedores de recursos intelectuais e as alterações nas funções, conteúdos e estrutura pedagógica da educação superior.

Uma das principais razões para o crescente interesse na educação a distância está intimamente relacionada com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, e é por causas destas mudanças, segundo Peters (2003:24), *que a importância da educação a distância está agora novamente aumentando*. Para o autor, é necessário reconhecer que a aprendizagem on-line propicia os *meios de se lidar com novas exigências sociais, com a necessidade de lidarmos com novos objetivos educacionais e novos grupos de estudantes*.

Como resultado, respondendo a demandas sociais, mais instituições de ensino aderem à educação a distância, desenvolvendo projetos nesta modalidade, mais professores participam de projetos, ações educativas e cursos nesta modalidade e, conseqüentemente, mais alunos se defrontam com o dilema e as peculiaridades da aprendizagem não presencial.

Os discursos que fundamentam projetos educativos a distância em geral referem como positiva a utilização das TICs, especialmente no tocante às possibilidades de interação, um componente importante nos processos de ensino e aprendizagem, muito embora também exista a compreensão de que os recursos tecnológicos não garantem, por si só, um ensino de qualidade, que depende, também, de outros fatores, como propostas pedagógicas, metodologias, qualificação de professores e tutores, pertinência dos currículos e perfil do corpo discente. Entre os especialistas firma-se o entendimento de que a qualidade do ensino não é determinada pela modalidade – presencial ou a distância. Para se alcançar a excelência do ensino as possibilidades tecnológicas necessitam ser exploradas adequada e efetivamente através de bons projetos educativos, independentemente da modalidade.

Em 2003 (54), Peters já alertava para o fato de que o sistema tradicional de educação, baseado em salas de aula face a face não poderiam dar conta das tarefas que viriam pela frente. Sua assertiva de que *teremos que pensar o impensável* – que na época soava como um prenúncio –, hoje encontra ressonância nos modelos educativos implementados na modalidade a distância. A questão que se coloca agora é compreender como esta nova forma

de acesso à educação – o ensino a distância da era digital – exige, também, outros níveis de acessos.

A dimensão construtiva e interativa do aprender e do ensinar, e o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico, serão acentuados, segundo Fainholc (1991: 16), devendo ser levados em conta no desenho e implementação dos programas educativos a distância que incorporem as tecnologias digitais, o que implica numa nova postura por parte dos alunos.

Sob esta perspectiva convém analisar a educação a distância não somente enquanto forma de acesso à educação, mas principalmente as formas de acesso imanentes à modalidade a distância baseada nas novas tecnologias, conquanto os alunos que se propõem a frequentar cursos a distância, que utilizam ambientes virtuais de aprendizagem, se defrontam com a necessidade de obter acesso em níveis distintos de complexidade, que envolvem uma gama de habilidades e competências.

Num primeiro momento, cabe considerar o acesso aos recursos tecnológicos propriamente ditos, composto por equipamentos (*hardware*), infra-estrutura, serviços e programas (*softwares*), que os alunos necessitam dispor para participar das atividades de ensino organizadas em ambientes virtuais de aprendizagem.

Num segundo momento entra em cena o acesso dado pela apropriação tecnológica e o domínio dos processos, com o desenvolvimento de habilidades e competências no manejo dos recursos e técnicas utilizadas nos projetos educativos que utilizam ambientes virtuais de aprendizagem.

Por fim, num terceiro momento, a questão do acesso se refere exatamente ao domínio e apropriação dos processos próprios da educação a distância da era digital, baseada fortemente no uso de ambientes virtuais de aprendizagem, e que exigem um intenso processo de interação *on-line* entre os próprios estudantes, seja síncrona ou assíncrona. Trata-se, aqui, de aprender a aprender a distância, de forma virtual.

Resumindo, a efetiva participação dos alunos em cursos a distância pressupõe distintos níveis de acesso, abrangendo infra-estrutura tecnológica, alfabetização digital e domínio de processos específicos próprios da aprendizagem *on-line*.

O acesso à infraestrutura tecnológica pode se dar através de programas de inclusão digital, especialmente através de telecentros, mediante recursos mantidos e disponibilizados pelos programas nos polos ou, ainda, mediante o provimento de recursos próprios, pelos alunos. Esse acesso primário, embora constitua um desafio do ponto de vista das políticas públicas, considerando que grande parte das populações encontra-se completamente excluída, não representa propriamente um problema pedagógico.

A alfabetização digital, ao contrário, representa um processo mais complexo e, possivelmente, mais demorado, na medida em que depende de algum treinamento mínimo e de aprendizagens por parte dos estudantes. Implica no desenvolvimento de habilidades específicas que qualificam para o melhor uso dos recursos tecnológicos utilizados nos processos de ensino a distância. Quanto maior o domínio nesse campo mais facilidade terá o aluno em inserir-se nas atividades, em desenvolver os conteúdos e atingir os objetivos educacionais. É imprescindível que o aluno conheça os diversos recursos existentes, bem como a aplicação de cada um, para que no momento oportuno possa fazer as escolhas certas, dentro de um leque de opções, com conhecimento de causa, qualificando seus estudos.

Por fim, o acesso mais crítico vincula-se exatamente ao domínio dos processos próprios da educação a distância da era digital. Esse nível de acesso está relacionado diretamente aos processos cognitivos, determinantes no sucesso das aprendizagens *on-line*. Ainda que o aluno disponha dos recursos materiais necessários, conheça e domine os recursos tecnológicos, se defrontará com a necessidade de conhecer e dominar linguagens e processos específicos da educação a distância, implicando na necessidade de desenvolvimento de novas habilidades e competências, que possibilitem o acesso pedagógico. Existe uma grande diferença entre estudar a distância e aprender a distancia.

A realização de cursos a distância com sucesso exige alguns pressupostos, explicados pela chamada ruptura paradigmática (PETERS, 2003), onde entram em cena componentes como a autonomia do educando e a capacidade de organização dos estudos. A sensível diminuição do contato físico, face a face, com os professores, e a necessidade de contato virtual, com outros alunos, tutores e professores, demandam uma mudança de comportamento e de atitudes que vai muito além da apropriação tecnológica. Trata-se, antes de mais nada, de uma nova maneira de ensinar e de aprender, onde os referenciais prévios dos alunos, frutos da tradição oral-presencial, não mais se aplicam.

Peters (2003:49) propõe uma reorganização estrutural ampla do ensino e da aprendizagem. Para o autor, não é suficiente a adaptação às novas circunstâncias, é necessário repensar a educação, planejar novamente o ensino e a aprendizagem e implementar tudo de novas maneiras.

Da condição aluno “ouvinte” é necessário passar para a condição de aluno “ativo”, “participativo”, que interage virtualmente, e que se movimenta com desenvoltura no ambiente virtual de aprendizagem, que produz reflexões interagindo com os colegas, tutores e professores, a distância.

A educação a distância, ao se colocar com possibilidade de acesso à educação, coloca a questão do acesso como um problema imanente à modalidade de ensino, onde o desafio maior consiste na aprendizagem do “aprender a distância”, que implica em aprender a interagir virtualmente, não somente do ponto de vista mecânico-operacional, mas do ponto de vista cognitivo, da construção do conhecimento e de novas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

FAINHOLC, Beatriz. La interatividad en la Educación a Distancia. Argentina, Paidós, 1999. 172p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Censo da Educação Superior de 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=9692&interna=6> Acesso em 19 dez. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Educação Superior a Distância. 2008. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=248&Itemid=426>. Acesso em 11 fev. 2008.

PETERS, Otto. A educação a distância em transição. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003, 400p.

RIFKIN, Jeremy. A era do acesso. São Paulo: Makron Books, 2001.